

# LEITURA E ASCENSÃO SOCIAL: ESTRATÉGIA E PODER

Lucianne Michelle Menezes\*

## Resumo

No romance português *O primo Basílio*, observa-se que a crítica à sociedade burguesa, não se limita a denúncias referentes aos típicos representantes dessa classe, mas envolve também aqueles que participam de sua rotina, de seu convívio íntimo; nesse caso, as criadas domésticas. Com base nisso, este trabalho desenvolve um estudo sobre a personagem Juliana, observando, no seu comportamento, uma tentativa de ascensão social muito particular, em que ela desafia as limitações de sua classe e utiliza-se da leitura como uma estratégia para obtenção de poder. Juliana não se limita à decodificação de informações escritas, pois consegue "ler" o universo burguês, compreendendo-o a ponto de arquitetar meios para tirar proveito.

## Palavras-chave

Eça de Queirós, Leitura; *O primo Basílio*; Poder; Universo burguês.

## Abstract

In the Portuguese novel *O Primo Basílio*, it is noticed that the criticism about bourgeois society is not limited to claims relating to typical representatives of this class, but also involves those who participate in the bourgeois routine, its privacy; in which case, the housemaids. Based on this, this paper develops a study on the character Juliana, observing, in her behavior, a very particular attempt for social ascension, in which she challenges the limitations of her class and uses the reading as a strategy for obtaining power. Juliana goes beyond written information decoding, because she can "read" the bourgeois universe, understanding it to the point of designing plans to take advantage of it.

## Keywords

Eça de Queirós; Bourgeois universe; *O primo Basílio*; Power; Reading.

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe – UFS – Aracaju – SE – Brasil. Doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói – RJ – Brasil. E-mail: lummy@hotmail.com

A criada Juliana, sem dúvida, constitui o caráter mais forte da trama queirosiana. É apresentada, desde a sua descrição física, a partir de uma imagem negativa, quase macabra. Luísa, sua patroa, lhe dizia no início da trama, sem nenhum constrangimento, que ela parecia “a imagem da morte” (QUEIRÓS, 2004, p. 58). A magreza e o aspecto doentio condiziam com a amargura de uma alma frustrada e muito sofrida.

Devia ter quarenta anos e era muitíssimo magra. As feições miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças do coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação, numa curiosidade, raiados de sangue, entre pálpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuia de retrós imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. (QUEIRÓS, 2004, p. 18).

Vivera a servir desde muito cedo sem, no entanto, passados vinte anos, resignar-se com sua condição. Quisera sempre ter alguma independência financeira e, como chegara aos quarenta anos ainda como criada, tornou-se má, áspera, ferina e profundamente revoltada contra sua situação.

Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde!... Era demais! Tinha agora dias em que só de ver o balde de águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago (QUEIRÓS, 2004, p. 61).

As patroas representavam, para ela, a comprovação da sua humilhante condição de subalterna. Para Moisés (1980), Juliana parece representar, a princípio, a classe oprimida e sofredora dos criados, mas, ela não constitui símbolo universal da situação das empregadas domésticas – seu caso é pessoal. “Seu passado é que lhe justifica todo o ódio e azedume, que nutre contra toda a gente, sobretudo contra o inimigo próximo, a patroa. Tanto seu caso é pessoal que a cozinheira de Luísa não age como ela [...]” (MOISÉS 1980, p. 35). As outras empregadas de algum modo aceitavam e acostumavam-se à sua condição social e levavam uma vida normal: faziam amizade entre si, passeavam aos domingos, cantarolavam alegremente, resignadas com suas rotinas e, quando as patroas saíam, abriam as portas aos seus namorados, a exemplo da cozinheira Joana. Mas Juliana não conseguia conquistar a simpatia de ninguém. A sua aparência, de uma fealdade acentuada, despertava a impicância das outras criadas das casas onde trabalhara, era sempre alvo de zombaria e desprezo. Referiam-se a ela como “a isca seca, a fava torrada, o saca-rolhas” (QUEIRÓS, 2004, p. 62) ou mesmo “a tripa velha” (p. 108). Foi se tornando desconfiada e má, chegava a maltratar as crianças e era constantemente despedida.

Odiava-as todas, sem diferença. É patroa e basta! Pela mais simples palavra, pelo ato mais trivial! Se as via sentadas: - Anda, refestela-se que a moura trabalha! Se as via sair: - Vai-te, a negra cá fica no buraco! Cada riso delas era uma ofensa à sua tristeza doentia; cada vestido novo uma afronta ao seu velho vestido de merino tingido. Detestava-as na alegria dos filhos e nas prosperidades da casa. Rogava-lhe pragas. [...] Todos os lutos a deleitavam – e sob o xale preto, que lhe tinham comprado, tinha palpitações de regozijo. Tinha visto morrer criancinhas, e nem a aflição das mães a comovera; encolhia os ombros: “Vai dali, vai fazer outro. Cabra!” (QUEIRÓS, 2004, p. 63).

O seu passado, embora não justifique suas atitudes, pelo menos as explica. Por nunca aceitar sua condição servil e hostilizar as patroas, era logo tratada por estas com secura, com indiferença. Juliana não conseguia se aproximar delas de forma amistosa, como faziam as outras criadas, estas muitas

vezes ganhavam a confiança das donas da casa, tornavam-se até mesmo suas confidentes e cúmplices. Juliana só se manteve em casa de Luísa e Jorge porque servira à tia deste com abnegação até a sua morte, muito embora ele não soubesse que ela só tinha agido assim porque esperava receber, da tal senhora, alguma vantagem, por ocasião do seu testamento.

Em *O Primo Basílio*, Eça revela uma outra abordagem a respeito da condição social da mulher no século XIX. Exterioriza, para além do mundo burguês, onde se insere Luísa, um outro universo, que é o de uma classe desfavorecida, representada nesse contexto pela criadagem doméstica. Tal classe é composta basicamente por mulheres, uma vez que afazeres como arrumar, varrer, engomar e cozinhar eram tipicamente femininos à época. Essas mulheres têm plena convicção de que seu padrão de vida dificilmente evoluirá e elas precisam, portanto, contentar-se com algum agrado oferecido pela patroa, como um vestido usado ou mesmo uma eventual oportunidade de tomar um caldinho, que era considerado uma verdadeira regalia. Conforme expunha a própria personagem Juliana: “que eu coma os restos e a senhora os bons bocados! Depois de trabalhar todo o dia, se quero uma gota de vinho, quem mo dá? Tenho de o comprar!” (QUEIRÓS, 2004, p. 199). Mas as criadas, de uma maneira geral, não ousavam desejar nada além do que a certeza da morada e da alimentação: “O pão! Aquela palavra que é o terror, o sonho, a dificuldade do pobre [...]” (p. 62).

Juliana, porém, era uma exceção ao padrão feminino subalterno, ela desejava muito mais, aspirava mesmo à condição burguesa e todas as suas vantagens e comodidades. Essa personagem intriga e atrai o leitor do livro pois sua atuação na narrativa é delineada sob perspectivas sarcásticas, irônicas, o que compreende um grande diferencial da obra de Eça, especialmente se comparada ao romance *Madame Bovary*, com o qual compartilha outros aspectos.

Dantas (1999) salienta que em vez de Juliana recusar o modo de vida burguês, afinal lhe era inalcançável, ou ainda em vez de ridicularizá-lo, como algo que não lhe diz respeito, conforme procediam as mulheres de sua classe social, ela se deixava influenciar por aqueles valores de forma a fazer de tudo para usufruir deles. Aproveitando-se de sua condição de criada de dentro, que cuida pessoalmente da limpeza da roupa e das tarefas do interior da casa dos patrões, ela vive sempre à espreita, a procurar um vestígio, algo de que pudesse tirar proveito.

E muito curiosa; era fácil encontrá-la, de repente, cosida por detrás de uma porta com a vassoura a prumo, o olhar aguçado. Qualquer carta que vinha era revirada, cheirada... Remexia sutilmente em todas as gavetas abertas; vasculhava todos os papéis atirados. Tinha um modo de andar ligeiro e surpreendedor. Examinava as visitas. Andava à busca de um segredo, de um bom *segredo!* Se lhe caía um nas mãos! (QUEIRÓS, 2004, p. 63).

Assim, nota-se que tal criada vivia à procura de uma oportunidade que a pudesse transportar para o mundo dos ricos. E tal universo era-lhe bastante conhecido. Dispunha-se a observar atentamente a rotina dos seus patrões e o seu olhar astuto lhe permitia perceber o quanto esse padrão de vida a atraía e fascinava, de modo que ela sentia-se capaz de qualquer atitude para elevar-se àquele nível.

Tinha acesso a todos os cômodos, a todos os objetos da casa e, ao mesmo tempo em que se ocupava da limpeza e da arrumação, Juliana entregava-se a uma outra função: a de “ler” aquele ambiente. A leitura pode se efetivar não apenas através da palavra escrita e, especialmente quando se tem um firme e ambicioso propósito – como era o caso da ousada criada da trama

queirosiana – a ação de ler torna-se ainda mais abrangente. Derrida (2006) apresenta uma perspectiva de “escritura” que ultrapassa a noção tradicional de linguagem e escrita, o que conseqüentemente amplia a visão a respeito da leitura.

Diz-se “linguagem” por ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc. Há, agora, a tendência a designar por “escritura” tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita. (DERRIDA, 2006, p. 10-11).

Percebe-se que para além da palavra escrita, pode haver outros tipos de inscrição que transformam a visão literal instituída, ou seja, torna-se viável a leitura de símbolos outros, não apenas os gráficos. Atitudes, hábitos e até feições também podem integrar a escritura e, portanto, é possível “lê-los”. A ação desempenhada pela personagem Juliana é dessa ordem: ela lê os comportamentos dos patrões, capta os indícios ali manifestados e vai relacionando informações advindas dessas leituras, de modo a constituir uma interpretação que seja útil às suas intenções. E mesmo a correspondência da casa, que pressupõe um modo convencional de ler, antes de ser entregue aos patrões, era revirada e cheirada, ou seja, Juliana buscava informações que poderia captar para além da palavra escrita. A criada desejava elevar o seu padrão de vida, conquistar uma independência financeira era o seu grande sonho; as leituras que fazia da casa dos patrões, da rotina ali “inscrita”, mantinham-na sempre na expectativa da revelação de algo que, uma vez lido e descoberto, poderia render-lhe vantagens.

Juliana contrastava com a maioria das mulheres de sua classe, julgava-se merecedora das mesmas regalias de que dispunha a patroa e, assim como esta, não se adequava ao padrão socialmente instituído para a sua classe. É importante frisar que Luísa não se encaixava no modelo feminino burguês, conforme já observado anteriormente, porque violou as normas, então vigentes, de fidelidade e virtude atreladas à mulher casada. Encontrava na leitura romanesca um universo libertador, que a fazia desligar-se de sua realidade e assim expandir o seu horizonte para além do cenário doméstico, a que se via limitada, mesmo sendo a “senhora do lar”. Juliana, por sua vez, também destoava do perfil subserviente, típico da criadagem. O seu mecanismo de libertação era principalmente a leitura não apenas da correspondência e demais papéis dos patrões, como também a leitura dos comportamentos que eles naturalmente manifestavam, mas que não escapavam ao seu olhar perscrutador. Buscava um vestígio de erro, especialmente de Luísa que, pelo seu temperamento frágil, seria facilmente manipulável. Empenhava-se em ler todos os detalhes que compunham o cotidiano da patroa, arriscando-se nessa prática proibida, pois, caso fosse flagrada, perderia naturalmente o emprego e as esperanças de melhorar de vida. Era necessário, portanto, ser uma leitora discreta e eficiente.

Logo que Basílio começa a frequentar a casa de Luísa, precisamente na segunda visita que faz à prima, toda a cena é lida por Juliana de maneira muito hábil. Ela interpreta os indícios inscritos na vestimenta de Luísa: “arregalou os olhos espantada; Luísa tinha vestido o roupão novo cor de castanho, com pitinhas amarelas! – Temos novidade! Temo-la grossa! – pensou Juliana pelo corredor” (QUEIRÓS, 2004, p. 68). A criada desconfia do fato de a patroa ter vestido uma peça nova para receber o primo, percebeu nisso uma revelação do interesse de Luísa por aquele homem, já que ele aticava a sua vaidade. Juliana, escondida, lê os tons das vozes, durante a conversa do casal, permanecia atenta enquanto sobressaía alguma risada de Luísa ou uma fala mais

alegre de Basílio. Somente retorna para a cozinha quando “a conversação, sem saliência de vozes, tinha um rumor tranqüilo e indistinto” (QUEIRÓS, 2004, p. 69). A entonação e a própria fala dos primos permitiam à criada uma leitura acerca do grau de intimidade de ambos. Como expõe Derrida (2006), “a fala já é, em si, uma escritura” (p. 56) e como tal pode ser lida e interpretada. Juliana mostrava-se uma leitora muito habilidosa, uma vez que decifrava, a partir de aspectos aparentemente insuspeitos, confirmações do envolvimento entre a patroa e Basílio. O fragmento citado abaixo revela como os sentimentos de Luísa pelo primo se inscreviam no seu comportamento, no que se refere à dissimulação, ao cansaço físico e até mesmo às alterações de apetite. Tudo isso era lido por Juliana como indicadores da culpa atribuída à patroa, mas, somente uma leitura que remete a significados não-explícitos, como era o caso daquela desempenhada pela criada, poderia captar tais informações:

Ficou tomada de uma curiosidade que a alterava como uma febre. Toda a tarde, na sala de jantar, no quarto, esquadrinhou Luísa com olhares de lado. Mas Luísa, com um roupão de linho mais velho, parecia serena, muito indiferente.

— Que sonsa!

Aquela naturalidade despertava a sua bisbilhotice.

— Eu hei de te apanhar, desavergonhada; - calculava.

Afigurou-se de que Luísa tinha os olhos um pouco pisados. Estudava-lhe as posições, os tons de voz. Viu-a repetir o assado, - pensou logo:

— Abriu-lhe o apetite!

E quando Luísa ao fim do jantar se estendeu na voltaire com um ar quebrado:

— Ficou derreada.

Luísa que nunca tomava café, quis nessa tarde “meia chávena, mas forte, muito forte”.

— Quer café! - veio ela dizer à cozinheira, toda excitada. - Tudo à grande! E do forte. Quer do forte! Ora o diabo!

Estava furiosa.

— Todas o mesmo! Uma récuca de cabras! (QUEIRÓS, 2004, p. 69).

Essa leitura tão perspicaz e abrangente, realizada por Juliana, representava a sua constante tentativa de obter um trunfo, mesmo se arriscando numa tentativa perigosa de invadir a intimidade da sua patroa. Queria apropriar-se de uma informação, de um segredo que revelasse a hipocrisia burguesa mas ao mesmo tempo a conduzisse para esse mesmo universo. Ao ler a casa, as atitudes e até mesmo os gestos da patroa, a criada queria livrar-se não do tédio – como era o caso de Luísa quando lia romances românticos – mas do trabalho árduo, sofrido e tão desvalorizado que era obrigada a executar para sobreviver. As duas mulheres eram semelhantes na capacidade de transgressão: Luísa envolvia-se com Basílio, motivada por um modo de ler quase pueril, sem qualquer senso crítico e Juliana empenhava-se numa leitura proibida, que lhe permitia tomar posse dos segredos alheios e tirar proveito. Ambas também combinavam no contraste que acabavam por manifestar, com relação ao papel social que lhes era atribuído. A patroa não eram convenientes os sonhos, as fantasias que porventura a afastassem dos deveres de esposa, de dona da casa; para a criada também não convinha desejar uma vida próspera, uma mesa farta, mas sim resignar-se com a sua rotina amarga. Juliana, contudo, permanecia no desejo de ascensão social:

la jantar, enfim, o *seu* jantar! Mandar, enfim, a *sua* criada! A sua criada! Via-se a chamá-la, a dizer-lhe, de cima para baixo: — Faça, vá, despeje, saia! — Tinha contrações no estômago, de alegria. Havia de ser boa ama. Mas que lhe andassem direitas! Desmazelos, más respostas não havia de sofrer a criadas! [...] Mantê-las bem, decerto, porque quem trabalha precisa meter pra dentro! (QUEIRÓS, 2004, p. 64).

Nota-se, a partir do romance *O Primo Basílio*, um grande contraste dentro do espaço da casa burguesa, no século XIX. A casa de Jorge e Luísa reproduz fielmente as fortes disparidades entre as classes sociais ali abrigadas: de um lado todo o conforto dos cômodos onde o referido casal vive, a exemplo da sala de estar, do escritório, da sala de visitas e do quarto; do outro lado está o ambiente “plebeu”, onde se movem as criadas, a exemplo do quarto dos engomados, da cozinha e do quarto das criadas. Na narrativa queirosiana a descrição detalhada de determinados locais não é desenvolvida aleatoriamente, apenas para que o leitor visualize o contexto em que se desenrola o enredo, na verdade os locais representam significativamente elementos da trama que serão peças-chave para o entendimento pleno do caráter de alguns personagens. E ainda podem revelar características da situação social em que alguém está inserido e que consequências isto traz à sua forma de enxergar a vida e posicionar-se dentro dela. O quarto de Luísa, especificamente, traduz muito de seu temperamento romântico e frágil. Aquele local parecia indicar, aos que ali entrassem, no início da trama, o quanto era terna e sossegada a rotina íntima do casal. A amiga de Luísa percebera isto:

Era um quarto pequeno, muito fresco, com cretones de um azul pálido. Tinha um tapete barato, de fundo branco, com desenhos azulados. O toucador, alto, estava entre as duas janelas, sob um dossel de renda grossa, muito ornado de frascos facetados. [...] Aqueles arranjos confortáveis lembraram decerto a Leopoldina felicidades tranqüilas. Pôs-se a dizer devagar, olhando em roda: - E tu, sempre muito apaixonada por teu marido, hem? Fazes bem, filha, tu é que fazes bem! (QUEIRÓS, 2004, p. 27).

Entretanto, havia um forte contraste caso fosse comparado o bem-estar que transmitia o quarto de Luísa com a sensação que se tinha ao se adentrar o quarto de Juliana. Dois seres humanos que necessitavam de serenidade no seu ambiente íntimo de recolhimento, duas mulheres cheias de vaidade e duas realidades opostas, representadas pelo quarto de cada uma. Tal disparidade era sempre notada pela criada, na leitura que fazia da casa burguesa, a qual oferecia condições aviltantes aos subalternos e revelava o descaso de seus patrões para com a sua esfera social, pois não se preocupavam com a situação em que as empregadas viviam, não ofereciam a elas o mínimo indispensável à saúde. E este era um dos grandes fatores que promoviam o ódio daquela criada por sua inimiga próxima – a patroa – e pela vida de uma maneira geral, por ter-lhe infligido tamanho infortúnio.

O quarto era baixo, muito estreito, com o teto de madeira inclinado; o sol, aquecendo todo dia as telhas por cima, fazia-o abafado como um forno; havia sempre à noite um cheiro requecido de tijolo escandescido. Dormia num leito de ferro, sobre um colchão de palha mole coberto de uma colcha de chita [...] Sobre a mesa de pinho estava o espelho de gaveta, a escova de cabelos enegrecida e despetalada, um pente de osso, as garrafas de remédio... [...] E o único adorno das paredes sujas, riscadas da cabeça de fósforos, - era uma litografia de Nossa Senhora das Dores [...] (QUEIRÓS, 2004, p. 58).

Com relação ao padrão de vida, os dois principais perfis femininos no romance queirosiano são amplamente distintos e tal diferença revela o porquê de a personagem Juliana desejar tanto desfrutar dos privilégios concedidos apenas à mulher burguesa – verifica-se que a mulher trabalhadora era marginalizada pela pobreza e vivia em condições indignas. Eça expõe, através do romance, o fato de que, para a sociedade oitocentista, a atuação social feminina restringia-se ao cenário do lar, com o agravante de que enquanto a rotina da senhora burguesa era comprometida pelo tédio e pela limitação intelectual – que acabavam por conduzi-la à leitura acrítica de romances – na vida da mulher “do povo”, pesava

o árduo trabalho físico que não lhe assegurava sequer um relativo bem-estar. Ganhava “meia moeda por mês” passava todo o dia a “engraxar, varrer, arrumar, labutar”, enquanto a senhora estava “regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras” (QUEIRÓS, 2004, p. 199). À senhora cabia apenas sujar, pois haveria sempre “a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! E a senhora são passeios, tipóias, boas sedas” (p. 199). Com relação ao quarto, Juliana questionava inclusive o fato de a patroa sequer conhecer de fato o lugar onde dormia sua criada, dava-lhe, portanto, alguns detalhes daquele local: “A percevejada é tanta que tenho que dormir quase vestida! E a senhora se sente uma mordedura, tem a negra de desparafusar a cama e catar frincha por frincha. Uma criada! A criada é o animal!” (QUEIRÓS, 2004, p. 199).

Dessa forma, Juliana passa a viver apenas em função dos valores burgueses que tanto deseja conseguir, para assim livrar-se da sua vida de miséria, como também para poder vingar-se de Luísa, que representa a classe superior ao mesmo tempo odiada e almejada pela criada. A patroa é o seu inimigo maior, porém, é também exatamente tudo o que ela gostaria de ser, mas, as injustiças sociais não permitem. Juliana é a única, dentre o seu núcleo social, que questiona duramente a divisão de classes e os maus tratos sofridos, devido à negligência e ao desprezo de seus patrões por aqueles que os servem. Embasada na sua leitura do mundo burguês, enxerga a chantagem como único artifício para uma mulher como ela poder ascender socialmente, afinal, conhecendo tão bem a intimidade daquele lar, ela percebe a predominância da hipocrisia. Como expõe Costa Lima (1983), a leitura sofre certas interferências das concepções prévias inerentes ao indivíduo que lê; nessa perspectiva, pode-se verificar que a leitora Juliana já processara informações acerca das diferenças entre a sua condição social e o universo burguês, tais ideias contribuem para a elaboração dos seus planos de ascensão e, principalmente, para a leitura que faz da rotina de Luísa. Assim, de posse dos segredos que podem revelar o verdadeiro caráter da sua patroa, ela a tem “nas mãos”, pois bem sabe que os princípios burgueses se baseiam nas aparências, descobrira isto lendo os comportamentos dos integrantes dessa classe social, a quem sempre serviu.

A mulher casada, especialmente, tinha um papel social a zelar, pois como era a “senhora do lar”, deveria transmitir a este um status de moralidade, para assim honrar o seu marido e a sua família. Desse modo, obtendo algo que comprometesse a reputação da família, Juliana teria “fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!” (QUEIRÓS, 2004, p. 184). Portanto, tal criada, astuciosamente, vive em estado de vigília e passa a revistar sempre a casa, afinal, seu ofício lhe permite um acesso irrestrito aos cômodos e móveis em geral; a correspondência é o que mais lhe atrai, pois, a palavra escrita teria o peso de uma confissão e de uma prova cabal da traição que ela já sabia existir, afinal fizera uma leitura do comportamento de Luísa.

Se a traição fosse cometida por Jorge, não seria tão relevante, porque a fidelidade e subserviência irrestrita aos padrões morais era um dever apenas feminino à época. Prova disso é que as constantes visitas de Basílio à casa de Luísa, na ausência de seu marido e, mais tarde, o fato de ela sair de sua casa constantemente sozinha, provocavam vários comentários maldosos por parte dos vizinhos: “Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza de que ia encontrar com o ‘peralta’. Onde seria?” (QUEIRÓS, 2004, p. 149). Assim, a esperta criada sabia que, de posse de uma revelação, especialmente escrita, teria enfim a libertação de sua vida miserável. A leitura que realizou, acerca das atitudes e gestos da patroa, lhe permitiu a descoberta do adultério, mas não lhe garantiu um meio de provar o fato, vivia, portanto, em busca disso. E o melhor trunfo que poderia ter para atestar aquela

traição era algo escrito, pois “a autoridade da palavra escrita” (WATT, 2007, p. 171), dentro de uma cultura letrada, confere veracidade aos fatos. Não bastava apontar fortes indícios, era necessário provar através da escrita gráfica.

A primeira vez em que lê um texto de Luísa dirigido ao primo, Juliana, embora tenha confirmado as suas suspeitas, já lidas nas evidências inscritas nas atitudes da patroa, opta por não recolher o bilhete de imediato e, astuciosamente, espera até obter algo ainda mais comprometedor. Esse é um dos pontos que marcam o comportamento de leitura dessa personagem, pois, enquanto Luísa transfere a sua passividade para a sua maneira de ler, Juliana empenha-se numa leitura atenta, raciocinada, formulando estratégias a seu favor. A patroa deixa-se guiar pelas ideias sentimentais contidas nos textos, do mesmo modo como se deixa conduzir por aqueles que a rodeiam, mas a criada, de forma astuta, realiza uma leitura paciente, a fim de se beneficiar.

Para não fazer ruído, sacudiu no corredor as saias, o vestido da véspera; e os seus olhos brilharam avidamente quando sentiu na algibeirinha um papel amarrotado! Era o bilhete que Luísa escrevera a Basílio: “Por que não vens?... Se soubesses o que me fazes sofrer!...” Teve-o um momento na mão, mordendo o beijo, o olhar fixo num cálculo agudo; por fim tornou a metê-lo na algibeira de Luísa (QUEIRÓS, 2004, p. 134).

Quando finalmente consegue apanhar as cartas que de fato “incriminavam” Luísa, Juliana não hesita em tirar proveito daquilo. Apoderou-se do conteúdo, realizando uma leitura que simbolizava o fim de sua “escravidão” física e moral. Aquela leitura proibida – afinal ela invadia a privacidade alheia – representava para Juliana a sua arma, a sua garantia de poder. Diferentemente das outras criadas que procuravam tornar-se cúmplices de suas patroas infiéis, Juliana revoluciona, faz da leitura das cartas o passaporte para uma vida burguesa, pois, “quando viu a importância da ‘coisa’ arrasaram-lhe os olhos de lágrimas; arremessou a sua alma perversa para as alturas, bradando em si, num triunfo: - Bendito seja Deus! Bendito seja Deus!” (QUEIRÓS, 2004, p. 183). Nota-se também que ela tinha sagacidade suficiente para arquitetar um meio de prosperar e encontrou na leitura ilícita a sua grande oportunidade. Há um forte contraste entre Juliana e a criada Joana, visto que esta, embora morasse na mesma casa, nunca percebera o adultério de Luísa. “Joana era decerto espessa e obtusa; além disso a paixão animal pelo rapazola emparvecia-a” (QUEIRÓS, 2004, p. 161). A cozinheira realizava-se com a vida que tinha, mas a outra queria, de fato, ser patroa. Juliana mostra à sua tia Vitória, que lhe auxilia na elaboração do plano de vingança, os escritos roubados e as duas sorriem, satisfeitas, pois os detalhes daqueles textos comprometiam penosamente o *status* social de Luísa, conforme demonstra o fragmento a seguir, escrito por Basílio: “Hoje não posso ir, mas espero-te amanhã às duas; mando-te essa rosinha, e peço-te que faças o que fizeste à outra, trazê-la no seio, porque é tão bom quando vens assim, sentir-te o peitinho perfumado!...” (p. 183).

As chantagens realizadas pela empregada comprovam o que Dantas (1999) afirma a respeito não apenas do caráter dela como também do perfil de Luísa. Ambas possuíam as mesmas disposições, circunscritas à ética do burguês, moldada na hipocrisia social. Juliana se beneficia do fato de a patroa precisar esconder suas aventuras sentimentais, a criada condena o comportamento da outra mas acha justo fazer dele o seu instrumento para a extorsão. O confronto é inevitável porque as duas mulheres têm ciência de que não há lugar, naquela sociedade, para a mulher adúltera, logo, a chantagem é viável e Luísa rende-se a ela. As duas sabem também que não há possibilidade de evolução social, naquele contexto, para a serviçal doméstica, por isso Juliana faz das cartas, reveladoras do adultério alheio, o seu “seguro de vida”.

Desse modo, todos os expedientes utilizados para alcançar o seu intento de ingressar em uma nova realidade social seriam, para ela, válidos. A criada considerava suas chantagens como uma espécie de exigência do que era seu por direito. “as ações todas de Juliana, ao contrário das de Luísa que apenas se deixava levar pelas situações, são regidas por uma vontade firme e por um plano de ação” (FRANCHETTI, 2001, p. 39). Não achava justo viver sob aquelas condições subumanas e cobrava agora da patroa uma alta quantia em dinheiro que lhe garantiria a passagem para o mundo burguês que tanto a atraía. A sua única meta era beneficiar-se através da situação que se lhe apresentava, precisava aproveitar-se do adultério da outra e para isso os “fins justificavam os meios”.

Como Luísa não dispunha da quantia, pois dependia exclusivamente do marido e não tinha independência financeira, não pôde atender às exigências da criada. Verifica-se novamente a astúcia de Juliana, pois ela ainda assim consegue tirar proveito da situação; se não lhe era entregue o dinheiro propriamente, obteria alguns luxos que já lhe proporcionariam muita satisfação. Verifica-se a sua habilidade em ler o mundo burguês, tão provido de comodidades, das quais ela poderia se beneficiar. Desse modo, usurpava da patroa, vestidos, peças íntimas e acessórios; transformava-se na própria Luísa; inscrevia-se no mundo burguês como se fosse uma de suas representantes. E o fato de ocupar, ao menos imaginariamente, o lugar da outra lhe é extremamente prazeroso, afinal, outros poderiam lê-la como uma típica burguesa:

Juliana pusera um vestido claro; dois sujeitos que estavam à porta do estanque riam, erguiam de vez em quando os olhos para a janela, para aquele vulto branco de mulher; Juliana então gozou! Tomavam-na decerto pela senhora, pela do Engenheiro; faziam-lhe “olho”, diziam brejeirices... Um tinha calça branca e chapéu alto, eram janotas... E com os pés muito estendidos, os braços cruzados, a cabeça de lado, saboreava, longamente, aquela consideração. (QUEIRÓS, 2004, p. 71).

Essa cena, acima descrita, é bastante significativa para a análise da personagem. Percebe-se que seu maior intento é realmente alcançar um patamar social mais elevado, para assim considerar-se merecedora da admiração alheia. Havia uma acentuada restrição no que se refere ao comportamento feminino, considerando as classes mais favorecidas financeiramente, porém, nota-se que, para a mulher pobre e trabalhadora, ascender à esfera burguesa já significava a plena realização, ou seja, embora bastante limitada, do ponto de vista cultural e social, a rotina das patroas impressionava e atraía as criadas. A cozinheira Joana, quando teve oportunidade de ficar sozinha na residência em que trabalhava, deleitou-se também com o fato de poder se considerar, na sua fantasia, uma senhora da elite social: “preparava-se para passar a noite com o Pedro e batia-lhe o coração de alegria de ‘terem a casa por sua’ até de manhã, e de poderem rolar amorosamente, como fidalgos, por cima do divã da sala” (QUEIRÓS, 2004, p. 296).

Por outro lado, observa-se que Joana satisfazia-se apenas com a fantasia, com o imaginário eventual; Juliana, contudo, fazia do desejo de ascensão social o seu propósito de vida. Ler o cotidiano de Luísa lhe proporcionou um meio de montar uma estratégia de ação e é a partir dessa leitura que decorre toda a segunda parte da trama do romance, em que a criada expõe toda a sua audácia, ao manter a patroa sob constante ameaça.

Para prosperar, utilizava-se do expediente da chantagem que, além de ser o meio que ela considerava mais eficaz, ainda lhe dava a oportunidade da vingança pelos maus tratos sofridos. Nessa perspectiva, ela satisfaz-se em ir, aos poucos, melhorando seus trajes e aparência em geral, através dos objetos pessoais que ia conseguindo arrancar de Luísa. E essa tortura em “doses

homeopáticas” fazia muito bem ao caráter vingativo de Juliana; gradativamente ela ia obtendo vantagens e privilégios, extorquindo a odiada inimiga próxima – a patroa – o reverso de sua classe social. Conquistava melhores condições de vida e ao mesmo tempo espezinhava Luísa, a representante de tudo o que ela queria ser e não tivera chance; logo, dava-lhe imenso prazer ir adquirindo peças de roupa e outros artigos pessoais da dona da casa.

E todas as noites Juliana fechada no seu quarto, encruzada na esteira, inchada de alegria, com o candeeiro sobre uma cadeira, desmarcava roupa, desfazendo as duas letras de Luísa, marcando regaladamente as suas, a linha vermelha, enormes – J. C. T. – Juliana Couceiro Tavira! (QUEIRÓS, 2004, p. 227).

A força da palavra escrita marcava essa atitude de Juliana, pois para ela não bastava retirar da patroa os seus objetos de uso pessoal, queria de fato ocupar-lhe o lugar, substituí-la. E escrever as suas iniciais – marcas que a individualizavam – no lugar daquelas associadas à Luísa, constituíam um símbolo da sua conquista. Ao ler as “suas” letras, Juliana lia também o início do seu ingresso no mundo burguês que tanto a atraía e acabava por nomear-se nele, inscrevendo-se como integrante de uma elite, ainda que apenas na sua fantasia. Desmarcar as formas que remetiam à patroa evidenciava-lhe que essa mulher já não tinha mais poder sobre ela, “apagava-se” junto com as letras que a simbolizavam. Era a ascensão de Juliana que se inscrevia naquela roupa, típica da mulher burguesa, aquelas formas escritas lhe permitiam ler o seu triunfo sobre Luísa.

Após ter conseguido melhorar sua aparência, Juliana passa a exigir condições de maior higiene e conforto para o quarto em que dorme. É válido destacar que, segundo Gonçalves (2006), as reivindicações da criada demonstram um alerta de Eça de Queirós para o latente desequilíbrio entre as classes, com origem na estratificação social. Evidencia-se, portanto, que desejar um ambiente limpo e digno para o descanso revela uma ideia de justiça social, apontada pela personagem. Uma cena marcante, nesse sentido é aquela em que Juliana dialoga com Luísa sobre a sua decisão de mudar-se para o quarto dos baús:

E começou a dizer, - que o seu quarto em cima no sótão era pior que uma enxovia; que não podia lá continuar; o calor, o mau cheiro, os percevejos, a falta de ar, e no inverno a umidade, matavam-na! Enfim, desejava mudar para baixo, para o quarto dos baús:

[...]

— E... onde se haviam de pôr os baús?

— No meu quarto, em cima. – E com um risinho: - os baús não são gente, não sofrem... (QUEIRÓS, 2004, p. 224, 25).

A ironia do texto revela que a voz da criada só é ouvida porque ela dispõe de um segredo que pode comprometer a honra dos patrões. Desse modo, Luísa se vê obrigada a argumentar em favor da “pobre Juliana” (QUEIRÓS, 2004, p. 225) e pedir ao marido que lhe realize o desejo, afinal, “também são criaturas de Deus; não são escravas [...]” (p. 225). A personagem Juliana foi feliz no seu intento, obteve não somente condições de maior higiene, como também conforto, um certo luxo, se consideradas as suas condições anteriores.

Mas não bastava apenas a semelhança com a feminilidade burguesa por meio das vestes e do conforto do quarto. A sua pretensão ia além: desejava de fato tornar-se a “senhora da casa” e para tanto era necessário destituir Luísa de tal posição. Juliana, portanto, como atenta leitora do universo burguês cheio de privilégios, resolve gozar uma vida mais confortável, à maneira da mulher elitizada. Foi aos poucos deixando de realizar o serviço doméstico, de modo que

obrigava Luísa a fazê-lo, a fim de que o marido desta não encontrasse tudo em desordem e viesse a desconfiar.

Ora não varria, depois não fazia a cama; enfim uma manhã não vazou as águas sujas. Luísa foi espreitar no corredor que Joana não descesse, não a visse, e fez ela mesma os despejos! Quando veio ensaboar as mãos, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Desejava morrer!... A que tinha chegado!... (QUEIRÓS, 2004, p. 231).

Essa inversão de papéis reafirma o fato de que Juliana é corrompida por seus conflitos interiores, resultantes em sua maioria dos transtornos oriundos da esfera social que integra. Nota-se que, como ela tinha boa compreensão acerca de todas as vantagens da classe social que almejava integrar, relegava Luísa à condição de serva para poder assumir os privilégios de ser burguesa, tomando-lhe o lugar.

Observa-se também a passividade de Luísa que, para preservar as aparências, prefere submeter-se aos desmazelos e à tirania de sua criada. A crítica machadiana, a respeito de *O Primo Basílio* aponta justamente o fato de Luísa não agir segundo suas próprias motivações, deixando-se sempre conduzir: “é antes um títere do que uma pessoa moral. Repito, é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência.” (ASSIS, 1962, p. 159). De fato Luísa apenas vai alternando o seu condutor, primeiro é guiada por Jorge, depois por Basílio e enfim torna-se “escrava” de Juliana. Porém, nota-se que Eça denuncia a estreiteza do universo feminino que permite à mulher ser apenas uma “matéria inerte”, na expressão do próprio Machado. O romance queirosiano permite a percepção de que tal inércia não seria um defeito de construção da personagem, mas sim uma representação da estreiteza do perfil social feminino no século XIX.

Com relação à personagem Juliana, o próprio Machado admite que é “o caráter mais completo e verdadeiro do livro” (ASSIS, 1962, p. 169), afinal, ela desafia as determinações sociais inerentes à sua condição de serviçal e enfrenta a patroa, invadindo-lhe a privacidade mediante a leitura de suas ações e de sua correspondência, numa estratégia de ascensão e de desforra. Há de fato um grande contraste entre as personagens, mas em Luísa verifica-se uma forte tendência a preservar o seu estatuto de mulher casada, moldado no moralismo burguês, o que de certo modo explica a sua passividade. Juliana, por outro lado, justamente por não ter uma honra a zelar, arrisca-se, ousa, através de uma leitura proibida, armazenando informações secretas, dados particulares da existência da patroa. Esta se mostra displicente e tola, deixando-se ler o tempo todo, sem sequer notar que era observada e decifrada, o seu modo de ler, de um modo geral, era acrítico e restrito, o que dificultava a sua percepção; sendo uma leitora ineficiente, é-lhe difícil atentar para a leitura de Juliana. A criada, por sua vez, surpreende-a, revelando-se enérgica, ativa e leitora bastante habilidosa, de modo que age numa tentativa maquiavélica de promover seu estágio social, articulando maneiras de beneficiar-se com todo o conteúdo encontrado nas suas leituras.

Costa Lima (1983) refere-se a uma “história eficaz”, ao comentar a abordagem de Gadamer e destaca a influência do contexto sócio-cultural nos processos de leitura, por outro lado, enfatiza a participação do leitor no sentido de permitir ou não que tais condicionamentos determinem sua compreensão. Considerando as leitoras da ficção Luísa e Juliana, observa-se que a primeira deixa-se influenciar pelos padrões sociais a ela associados, já a outra não se conforma com as circunstâncias que a rodeiam e busca transformar as suas condições de vida, com base no que lê. A criada transforma as informações lidas,

redirecionando-as a seu favor, ela desempenha um exercício ativo de leitura, em que as ideias captadas são repensadas, reformuladas, ganhando novos significados. Além disso, aproveita-se do fato de Luísa ter um estatuto social a preservar; a reputação para as criadas era algo secundário, já para a mulher burguesa era primordial.

Segundo Brown (2006), Eça de Queirós propõe-se a tratar a realidade cotidiana nas suas implicações profundas, observando também seu dinamismo, sua interdependência, contrariando assim a poética clássica que afastava de si temáticas voltadas ao ordinário da vida corriqueira e conseqüentemente voltadas às classes socialmente rebaixadas. Obter certo conforto material deslumbrou Juliana de tal modo que ela excedeu-se na sua fantasia de promoção social: “começou a pensar que agora o que devia era gozar. Se tinha bons colchões – para que havia de se levantar cedo? Se tinha bons vestidos – por que não havia de ir espalhar-se para a rua? Toca a tirar partido!” (QUEIRÓS, 2004, p. 230). Sem perceber, porém, ela começava a provocar a sua própria derrocada, pois se dedica somente a usufruir daquele ambiente burguês, sem ler o perigo que a rondava: o risco de ser descoberta. Dessa maneira, passa a despertar a atenção de Jorge, que, conforme já expresso no capítulo anterior, começa a ler o seu espaço doméstico e chega a surpreender a explícita inversão de papéis dentro de sua casa:

— Dize-me cá, quem é aqui a criada e quem é aqui a senhora?

A sua voz era tão áspera, que Luísa fez-se pálida, murmurou:

— Que queres tu dizer?

— Quero dizer que te venho encontrar a ti a engomar, e que a encontrei a ela lá embaixo muito repimpada na tua cadeira, a ler o jornal! (QUEIRÓS, 2004, p. 264).

Diante disso, Luísa se vê obrigada a tomar alguma atitude, pois se viu prestes a perder toda a estabilidade que o casamento e a vida burguesa lhe proporcionavam, recebeu perder também o amor do marido a quem ela agora valorizava intensamente. Resolve confidenciar tudo ao amigo Sebastião e pedir-lhe ajuda; é nesse instante que o “títere” toma feições de ser humano, reage e busca um meio de livrar-se do martírio que vinha sofrendo. Para Juliana isso representa o fim de seu ideal de transformação pessoal e social. E no momento em que se vê cercada, obrigada a render-se e entregar seu precioso trunfo – as cartas roubadas – a Sebastião, ela, enfurecida, reconhece que suas estratégias, por mais audaciosas que tivessem sido, não conseguiam romper a barreira do desnível social. Desse modo, verifica que uma criada sempre sai perdendo, numa disputa com a sua senhora, afinal, “Eles tinham tudo por si, a polícia, a Boa-Hora, a cadeia, a África!... E ela – nada!” (QUEIRÓS, 2004, p. 289). Diante de tal constatação e da certeza de voltar a uma vida servil e odiosa, Juliana sofre um colapso, que a fulmina de modo fatal.

A criada, embora bem mais corajosa e determinada que Luísa, tinha com esta algo em comum: ambas viam-se obrigadas a desempenhar o papel delineado para a mulher oitocentista e percebiam que ele ia de encontro aos seus desejos e sonhos, ambas eram vítimas da mesma estrutura social, embora estivessem em lados opostos, afinal, o que mais incomodava Juliana era o fato de pertencer a uma classe desfavorecida da sociedade. A Luísa não cabia descumprir as determinações inseridas na sua condição de burguesa, impelida ao casamento e aos deveres do lar. Encontrava na leitura de romances românticos o seu veículo de “fuga” e tal hábito, embora criticado por alguns, ainda era considerado um comportamento lícito, muito embora tenha impulsionado a sua transgressão. Juliana, por sua vez, ousou ir muito além do que permitia a sua condição de serviçal, ambicionou ingressar em uma esfera social que lhe era

vetada. Quis adentrar um lar burguês pela “porta da frente”, quando lhe eram destinados os fundos. Viu na leitura ilícita dos segredos da patroa a sua oportunidade de ascensão social. Ambas fracassam, sofrem e morrem, sucumbidas pela amarga certeza de que são impotentes diante dos códigos sociais impostos. A tentativa de subvertê-los conduz ao trágico.

Assim, evidencia-se que a narrativa queirosiana revela como as implicações sociais interferem no comportamento feminino no século XIX, confirmando a participação da literatura como instrumento de denúncia e interpretação crítica de cenários sociais. De acordo com Lukács (2000), o romance é uma forma de configuração da sociedade burguesa e se baseia na subjetividade ou na “biografia” (p. 83) do personagem, pois o gênero romanesco pretende representar não mais a coletividade, como ocorria na epopeia, mas o indivíduo em si. Para tanto, têm relevância as circunstâncias sociais que contribuem para as suas ações e comportamentos. Com base nisso percebe-se, em *O Primo Basílio*, a personagem Juliana em constante embate com a realidade hostil que a circunda. Nesse sentido, é válido expor as afirmações de Reis (1975), ao comentar a perspectiva narrativa de Eça de Queirós:

Ao debruçar-se sobre a personagem cujas características individuantes importa acentuar, o narrador procura pôr em evidência a sua origem social, as diretrizes culturais e morais que presidiram a sua educação e todo um conjunto de vícios ou qualidades eventualmente inculcados pelo ambiente que a marcou, estigmatizando indelevelmente o seu futuro. (REIS, 1975, p. 73).

Desse modo, observa-se que o caráter estrategista de Juliana e todo o plano de ação arquitetado, mediante as leituras proibidas que realizara, não foi suficiente para suplantarem as determinações sociais dirigidas a mulheres de sua classe. Juliana lê o mundo de Luísa e passa a extorqui-la, em benefício próprio, tenta também “travestir-se” de burguesa, pois o que interpretou, a respeito do que leu, a impressionou bastante. Sua leitura serviu-lhe de base para ascender socialmente, bem como para tentar transformar-se naquilo que leu. Entretanto, Juliana foi merecedora de atenção e temor apenas enquanto representava um problema, uma ameaça para Luísa. Nota-se o quanto era insignificante a existência daquela criada que só se fez notar porque se utilizou de meios sórdidos a fim de angariar melhor situação de vida. A sua leitura acerca do mundo burguês era tão verídica e eficiente que ela própria compreendeu a impossibilidade de ingressar na esfera social desejada, afinal, por mais ardilosa que fosse a sua estratégia e por maior que fosse a importância do seu trunfo, ela o perdeu porque a senhora burguesa, embora transgressora, tinha como aliado o prestígio social que lhe rendia a conservação das aparências, mediante a intervenção do amigo Sebastião. O desgosto da criada fora tão profundo que ela não resiste e fenece. Sequer havia alguém disposto a velar seu corpo antes do enterro. Jorge, o seu patrão, bradava enfurecido: “— Diabo da mulher, morrer a semelhante hora!” (QUEIRÓS, 2004, p. 292). O narrador queirosiano após indicar a decisão de Luísa de mandar rezar à morta “dois padre-nossos por alma”, em seca ironia acrescenta: “Foi tudo o que a terra deu na sua morte àquela que ia rolando a essa hora, ao trote de duas velhas éguas, para a vala dos pobres, e que fora na vida Juliana Couceiro Távira”! (QUEIRÓS, 2004, p. 297).

MENEZES, L. M. Reading and Social Ascension: Strategy and Power. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 6, n. 1, p. 13-26, 2014.

## Referências

MACHADO DE ASSIS, J. M. Crítica literária. \_\_\_\_\_. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1962. p. 154-79.

BROWN, S. M. R. *Um olhar sobre as serviçais domésticas na literatura portuguesa*. São Paulo, USP, 2006. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-24082007-151843/>>. Acesso em: 12/09/2009.

COSTA LIMA, L. Hermenêutica e abordagem literária. \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. I. p. 52-83.

DANTAS, F. J. C. *A mulher no romance de Eça de Queirós*. São Cristóvão: Ed. UFS, 1999.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FRANCHETTI, P. *O primo Basílio* – edição comentada e anotada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

GONÇALVES, I. C. *Dois desafios, dois mundos: a construção da personagem feminina em Eça de Queirós e Josué Guimarães*. Porto Alegre, 2006. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica, 2006. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=553](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=553)>. Acesso em: 19/09/2009.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico*. Trad. Posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

EÇA DE QUEIRÓS, J. M. *O primo Basílio*. São Paulo: Ática, 2004.

REIS, C. *Estatutos e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina, 1975.

WATT, I. *A ascensão do romance: Defoe, Richardson e Fielding*. Trad. Hildegard Feist. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.